

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

RESUMO:

O Decreto nº 3.551 de 2000 instituiu o Registro de Bens Culturais Imateriais no Brasil e contribuiu para debates sobre o Patrimônio e a Museologia LGBTQ. Esses estudos visam registrar e preservar manifestações culturais relacionadas à população LGBTQ, combatendo a hetero-cisnormatividade nos patrimônios brasileiros. Exemplos como o Miss Gay de Juiz de Fora e a Festa das Filhas da Chiquita destacam a importância dessas celebrações. As Paradas do Orgulho LGBTQ também se revelam ferramentas fundamentais para fortalecer o patrimônio cultural LGBTQ, gerando visibilidade e reconhecimento da diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio LGBTQ, Museologia LGBTQ, Parada do Orgulho, Diversidade Sexual, Cultura Imaterial.

ABSTRACT:

Law No. 3,551 of 2000 established the Registry of Intangible Cultural Heritage in Brazil, promoting debates on LGBTQ Heritage and Museology. These studies aim to register and preserve cultural manifestations related to the LGBTQ population, fighting hetero-cisnormativity in Brazilian heritage. Examples like Miss Gay Juiz de Fora and the Filhas da Chiquita Festival highlight the importance of these celebrations. LGBTQ Pride Parades also emerge as key tools for strengthening LGBTQ cultural heritage, generating visibility and recognition of diversity.

KEYWORDS: LGBTQ Heritage, LGBTQ Museology, Pride Parade, Sexual Diversity, Intangible Culture.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

O Decreto nº. 3.551 de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, e as categorias Patrimônio e Museologia LGBTQ, promovendo, assim, um debate interessado nas contribuições patrimoniais e museológicas à superação da LGBTQfobia estrutural do Brasil. Nesse sentido, temos entendido Patrimônio LGBTQ como um conceito capaz de “ênfatisar os tombamentos, registros e manifestações socioculturais produzidos ou relacionados a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, bem como para questionar a hetero-cisnormatividade que marca os bens patrimoniais” (BOITA; WICHERS, 2020). Desse modo, os estudos de Patrimônio LGBTQ devem se orientar pela inclusão dos fenômenos a que se dedicam aos livros patrimoniais, ou seja, os Livros de Registros das Celebrações, dos Saberes, das Formas de Expressões e dos Lugares.

Neste momento, procuraremos relacionar nosso patrimônio ao Livro de Celebrações pensando a Parada, assim como ao Livro dos Lugares os percursos de sociabilidade e territórios da população dissidente da matriz heterossexual no centro da cidade de Goiânia, em particular a área onde está inserido o Banana Shopping. Em conjunto, buscamos responder a seguinte problemática: quais as possíveis contribuições do debate patrimonial à superação da LGBTQfobia não apenas a Goiânia, mas, por analogia, a qualquer outra cidade brasileira?

A preservação das memórias e registros culturais da comunidade LGBTQ é instrumento fundamental não apenas à preservação de espaços e objetos, mas, sobretudo, estratégia à sobrevivência. De fato, a ausência de marcos e referências em museus, monumentos e patrimônios culturais potencializam a invisibilidade e conseqüentemente, colaboram não apenas à morte simbólica, mas certamente dão sua contribuição à morte física. De fato, ao participar da produção de “corpos abjetos” (BUTLER, 1993, p. 9-10) — “corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS; MEIJER,

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

2002) — a partir de uma “matriz heterossexual” dotada da “naturalização dos gêneros e de seus papéis” (BUTLER, 2003, p. 38), o debate patrimonial acaba por se tornar cúmplice das dramáticas estatísticas nacionais sobre violência contra a população LGBTQ. Tendo em vista o caráter pedagógico e potencialidade do campo patrimonial, visibilizar o patrimônio cultural LGBTQ pode ser mais uma estratégia para se garantir o direito à vida de um grupo social permanentemente ameaçado.

Neste estudo, entendemos que o patrimônio LGBTQ está diretamente inserido no debate patrimonial, porém submetido a invisibilização própria de uma sociedade LGBTQfóbica. Destacamos os lugares, saberes, celebrações e as formas de expressão que permeiam as vidas e vivências de pessoas dissidentes da matriz heterossexual enquanto fenômenos históricos possíveis de serem localizados em todo território nacional, em todos os patrimônios já reconhecidos e em todas as comunidades, porém absolutamente ignorados pelos agentes do patrimônio. Escamoteia-se, assim, pessoas fazedoras de cultura, memórias e histórias, bem como, registros que remetem a esses patrimônios pelo simples fato de serem sexualmente dissidentes.

Como exemplo, destes registros imateriais podemos citar dois (raros) casos emblemáticos: o concurso Miss Gay de Juiz de Fora, criado em 1976 — hoje considerado o mais antigo concurso gay do Brasil — reconhecido em 2007 como Patrimônio Imaterial do município, tornando-se, assim, o primeiro patrimônio LGBTQ do país (BOITA, 2017); outro caso celebrativo, é a Festa das Filhas da Chiquita, em Belém do Pará, datada desde 1978 e parte integrante dos amplos festejos que acompanham o dossiê IPHAN do Círio de Nazaré, primeiro registro imaterial do Brasil, mas que ao fim foi excluída por ser considerada como “prática profana, ofensiva, sem relação alguma com o Círio de Nazaré” (HENRIQUE, 2011, p. 331). Além destes casos emblemáticos aos estudos de patrimônio, passamos a problematizar a relação dos museus com as comunidades LGBTQ, percebendo, aí,

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

uma ampla variedade de exclusões que marcavam o exílio de nossas memórias no debate museal. Neste sentido, passamos a questionar o motivo pelo qual entre os mais de três mil museus do Brasil somente um punhado havia se dedicado a tal grupo. Era como se não fizéssemos parte da história do Brasil em qualquer período ou em qualquer comunidade. Neste caso a memória LGBTQ estava excluída não apenas dos museus tradicionais, mas também daqueles que se reivindicam pertencentes à Museologia Social, como se fosse possível transgredir o mundo conservador dos museus e de seus debates sem deixar a LGBTQfobia para trás. Dos diversos inventários participativos realizados por comunidades periféricas, indígenas, negras, carnavalescas, fosse o que fosse de excluído, não encontramos qualquer menção à comunidade LGBTQ. A este modo de fazer Museologia passamos a denominar de Museologia LGBTQfóbica.

Tornava-se, urgente, portanto, a elaboração de um conjunto de narrativas que visassem mapear os poucos museus que rompiam com esta declarada fobia à diversidade sexual, o que resultou em estudos sobre ações no Brasil e fora dele (BAPTISTA, BOITA, 2014 e 2017; BOITA, 2018). Estes estudos revelaram que pelo mundo existem monumentos celebrativos a Stonewall, à liberdade dos homossexuais perseguidos pelo nazismo, aos mortos pela AIDS, pela descriminalização das sexualidades não normativas, além de museus e iniciativas comunitárias que abordam as dissidências sexuais distribuídos na América Latina (55), América do Norte (27), Europa (24) e África (02) e Ásia (07) (BOITA, 2018).

Um importante dado levantado por este mapeamento foi que quanto maior o número de leis em defesa do patrimônio e da comunidade LGBTQ, maiores se tornavam as chances de existirem ações neste sentido em cada continente. Chamou também a atenção que a ausência de museus e iniciativas comunitárias em prol da memória e patrimônio LGBTQ não eram um problema apenas do Brasil, mas também de boa parte do mundo (BOITA, 2018).

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Já no Brasil encontramos o monumento ao índio Timbira brutalmente assassinado em 1614, onde hoje é a cidade de São Luiz — graças aos esforços do Grupo Gay da Bahia (GGB), o monumento foi fundado em 2016 e é o primeiro do país do gênero, ou melhor, até agora o único. No campo museal, pode-se falar do Museu da Sexualidade criado em 1989 em Salvador, também por Luiz Mott e o GGB, além do Museu da Diversidade Sexual criado em São Paulo em 2012 e da Revista Memória LGBTQ, nascida em 2013 para tentar suprir a lacuna museológica por meio de “exposições em revista” (BOITA, 2014; BOITA, DUARTE, 2020). Alguns museus passaram a desenvolver ações temporárias a partir das provocações oriundas da Rede de Memória e Museologia LGBTQ criada em 2012, tal qual o fez o Museu de Favela do Rio de Janeiro (MUF) por meio do projeto Ser Gay na Favela, experiência em que com muita alegria estivemos envolvidos por meio do conceito Museologia LGBTQ (REVISTA MEMÓRIA LGBTQ, 2015 e 2020), a exposição 100 anos de Clóvis Bornay promovida pelo Museu da República realizada em 2009 e a exposição História e Memória LGBTQ em 'Uma cidade pelas margens' realizada no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo em 2016 (BARNART, BAUER, 2017). São esses exemplos recentes que demonstram que o tema LGBTQ passou a ingressar nos museus do Brasil e se espera que possam avançar na promoção e salvaguarda do Patrimônio LGBTQ.

Em outro sentido, as Paradas têm se revelado como potentes instrumentos para fortalecer o patrimônio LGBTQ. Inicialmente as manifestações nascem tímidas e com o passar do tempo tornam-se representativas, sendo a de Goiânia uma das primeiras a se realizar no Brasil: em 1995 ocorre uma marcha no Rio de Janeiro, ao passo que em 1996 é realizada a primeira parada em Goiânia e no ano seguinte ocorre a primeira parada gay de São Paulo. É curioso perceber que Goiânia, conservadora que ela só, possa estar entre as capitais precursoras da realização de uma festividade que hoje se encontra amplamente difundida no país. Ainda no

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

campo da vanguarda, a primeira vez que se relacionou publicamente as Paradas ao debate patrimonial foi em 2019 por meio do projeto de lei 139/2019 de autoria do então deputado estadual Carlos Giannazi. O projeto objetivava reconhecer a Parada do Orgulho LGBTQ de São Paulo enquanto patrimônio cultural imaterial daquele estado. Apesar de incrivelmente inovador e corajoso, o projeto não recorre ao debate patrimonial, mas, sobretudo, à geração de renda da cidade, possivelmente a melhor estratégia para se comunicar com a audiência daquela câmara. Segundo o deputado, “A Parada é hoje um evento estratégico da visibilidade dos direitos homossexuais e tem se revelado uma importante ação coletiva de cunho político, enquanto instrumento de participação social” (SÃO PAULO, 2019, p. 2).

A Parada e o Livro de Celebrações

Além da potencial capacidade de geração de renda que as Paradas tem em si, queremos aqui apontar outros aspectos relacionados ao debate patrimonial e à memória LGBTQ.

Segundo o IPHAN, o Livro de Celebrações compreende as manifestações festivas, coletivas, religiosas e/ou populares. Envolvem a sociabilidade a troca e as práticas da vida social. Seguindo as orientações deste Livro, propomos uma reflexão a partir da Parada de Goiânia que em 2020. Vale lembrar que esta tipologia do registro não tem como característica a exclusão de grupos não normativos. Segundo a definição proposta pelo IPHAN, o registro de celebrações,

reúne os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social. Celebrações são ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, sendo considerados importantes para a sua cultura, memória e identidade, e acontecem em lugares ou territórios específicos e podem estar relacionadas à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, que

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras. (IPHAN, 2014, grifos nossos)

Como se percebe, qualquer Parada do Brasil pode ser contemplada neste entendimento de celebração. Ao longo dos anos elas se tornaram marca de nossas vivências coletivas, assumindo uma historicidade única e ocupando um lugar central em nossa cultura, memória e identidade. Produzidas em coletivo em condições de sociabilidade própria, que não se repetem em outros momentos do ano, ao mesmo tempo em que distribuem funções específicas relacionadas não apenas à economia, mas também ao vestuário e performances singulares. As Paradas são, de fato, celebrações identitárias que referenciam cultura e patrimonialmente as comunidades LGBTQ em sua amplitude e diversidade, configurando-se em uma importante referência cultural para nós.

Não temos espaço aqui para apresentar todas as características da Parada de Goiânia que a relacionam como tal, sendo este um dos objetivos gerais deste projeto, mas concentraremos esforços em caracterizá-la em relação ao seu território, ao que concordamos com Britto e Machado (2020, p. 17):

Os corpos LGBTQ presentes a cada ano nas paradas, representam a pulsação da vida e não da morte; uma tentativa para que haja reconhecimento que a vida é o bem cultural mais precioso a ser preservado. Formas que colocam em suspeição o legado patriarcal explícito na etimologia do termo patrimônio e que anunciam, através de múltiplos espaços de comunicação e de informação, novas paisagens, construídas, gestadas, conectadas e partilhadas pelo coletivo de vozes, gestos e corpos que ali se fazem presentes.

Em 28 de junho de 1996, o Monumento das Três Raças instalado em frente ao Palácio das Esmeraldas no centro de Goiânia, foi palco da primeira Parada do Estado de Goiás. A ação foi realizada pela Associação Ipê Rosa e o Grupo pela

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Vidda, duas organizações fundamentais para a realização desta primeira edição e a conquista de direitos no município. A Associação Ipê Rosa foi fundada em 1995 em Goiânia, constituindo-se em organização não governamental pioneira no estado em defesa da dignidade humana, na luta contra a violência das pessoas GLSTB e difusão na prevenção IST e HIV, conforme seus termos. Já o Grupo pela valorização, integração, dignidade do doente de Aids — Grupo pela Vidda — foi fundado em 1989 por Herbert Daniel, que então chegara à Goiânia em 1992 para atuar na prevenção de pessoas que vivem com HIV/Aids. Neste dia, nove ativistas hastearam bandeiras e simbolicamente abraçaram o movimento das três raças no período da manhã. Basicamente, “o evento constituiu em um abraço desses rapazes ao Monumento às Três Raças, localizado no centro desta que é a principal praça da capital goiana”, ao que destacaram “uma bandeira com triângulo rosa invertido, utilizado nos campos de concentração nazista para identificar e estigmatizar homossexuais. (BRAZ; MELLO, 2012, p. 40). Em contrapartida a polícia repreendeu o ato argumentando que se tratava de um monumento público e um bem patrimonial dos goianienses e não de um grupo isolado.

Já à noite, no Lago das Rosas, poucos quilômetros do primeiro ato, realizou-se uma festa junina gay. Na ocasião uma celebração com mais pessoas, com poucos policiais e com muita alegria, celebrou-se as pequenas conquistas do dia e preparavam-se para as próximas articulações.

Segundo Maia (2015), a II e a III Parada foram realizadas respectivamente em 1998 e em 1999 em um novo local, o Bosque dos Buritis, próximo ao local do primeiro encontro. Já a IV edição, ocorrida em 2000, teve novamente seu local foi alterado para Rua do Lazer. Em 2003, devido o número de participantes da renomeada Parada Unificada do Orgulho GLBT passa a ocorrer no Bosque Botafogo, ampliando as comemorações para uma semana de atividades e transferindo-as para o mês de setembro. Até 2010, ou seja, durante sete anos, a

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

parada acaba ocorrendo exclusivamente no Bosque Botafogo. Em 2011 o evento concentrou-se em seu local original, a Praça Cívica, e em 2012 e ocorre no Mercado Aberto de Goiânia. Em 2013, a Parada retorna para o Bosque Botafogo e permanece até 2019, edições em que enfim ganhará as ruas em desfiles memoráveis onde a combinação de recursos, números de participantes, carros de som e negociações com a prefeitura demonstram uma maturidade do evento e sua consagração enquanto atividade comunitária. Devido a pandemia covid 19, em 2020 ela não ocorreu.

O território LGBTQ em Goiânia

Retomemos aqui a relação intrínseca entre o Livro de Celebrações e o Livro de Lugares proposto pelo IPHAN: as festas com potencial para serem reconhecidas como patrimônio devem estar diretamente relacionadas a territórios próprios por onde cultura, memória e identidade se manifestam.

O território da Parada está inserido em um contexto particular para as comunidades LGBTQ de Goiânia: um território percorrido por gerações que representa a tentativa de se descolar de cenários de exclusão para se inserir na zona central da cidade, seguindo, assim, uma velha recomendação em busca de segurança física e psicológica das comunidades queer no mundo todo: vá para a maior zona urbana que houver em sua proximidade. Isto não quer dizer que será sempre escolhida a zona central de grandes núcleos urbanos em qualquer lugar do mundo, pelo contrário. Em boa parte dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa, as zonas de refúgio LGBTQ, ou santuários, são localizados em bairros, as Gay Villages, como são comumente chamadas bairros como o Castro, em São Francisco. Goiânia, contudo, parece ter começado a eleger a partir da década de 80 o centro da cidade como este local de refúgio e, portanto, de referência cultural à comunidade LGBTQ.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Neste território central encontramos duas possibilidades de leitura. A primeira, relacionada ao consumo em uma “Gayânia” estudada por Braz (2014): “Para além de um mercado erótico em expansão”, surge um “expressivo mercado de lazer e sociabilidade ‘GLS’, que inclui boates, bares” e outros estabelecimentos. Em pesquisa de campo, Braz demonstrou que “há uma série de narrativas de empresários/as e frequentadores/as que relembram uma Goiânia de meados dos anos de 1970 e início da década de 1980, quando começou a surgir os primeiros bares frequentados ou ocupados por ‘homossexuais” (BRAZ, 2014). Inicialmente de bares isolados em regiões periféricas, mas gradualmente foram ocupando a zona central a partir dos anos 80 por meio de “bares e botecos” que se mesclavam ao surgimento do “movimento homossexual” (BRAZ, 2014 e 2015). Ainda que não seja regra, produzindo eventuais deslocamento da região central para boates em bairros de elite como a Jump (por quase 10 anos a reunir gays abastados mediante as altas taxas ali cobradas), o consumo LGBTQ foi sendo construído na região central da cidade (BRAZ, 2014 e 2015).

Por outro lado, o estudo de Fernandes (2015) demonstrou que além da esfera empresarial, comercial e do consumo, outra comunidade LGBTQ construía no centro da cidade um percurso próprio, intencionalmente invisível, mesclando um dinamismo contextual e uma fixidez histórica bastante singular. Ao entrevistar jovens suburbanos que recorriam ao centro da cidade em busca de lazer e sociabilidade junto aos pares, escapando, assim, do isolamento e do preconceito das periferias, Fernandes demonstrou que havia pontos de referência onde essa juventude constituía sua sociabilidade ainda que com poucos recursos no bolso. De posse desse mapa, Fernandes indicou a existência de um percurso LGBTQ na região central que o levou a propor o provocativo Museu de Percurso LGBTQ de Goiânia, uma das criações afrontosas mais inovadoras da Museologia Social no centro-oeste (FERNANDES, 2015).

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Quando se relacionam as informações de ambos os estudos, é possível perceber que os grupos consumidores indicados por Braz e os grupos de jovens periféricos percorriam pontos semelhantes do centro da cidade, particularmente desenhados a partir dos anos 90. Não por acaso, são também territórios onde estão inseridos os pontos de encontro das Paradas e seus desfiles. Trata-se — nisso apostamos — de um território próprio que precisa ser melhor desenhado, mas que desde já propomos que seja compreendido enquanto uma referência cultural única.

Nas edições em que a Parada de Goiânia passou a desfilas, o Banana Shopping, cravado neste território, tornou-se um ponto obrigatório de protesto. Em frente ao shopping, os coletivos da Parada trataram de rememorar os atos de 2006, bem como as sucessivas discriminações ocorridas contra pessoas LGBTQ da instituição que não se encerraram. Perante o shopping, portanto, as integrantes da Parada costumam dançar, cantar e bater-cabelo em manifestações próprias de deboche.

Referências:

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia e Comunidades LGBTQ: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 54, n. 10, July 2017. Disponível em: . Acesso em: 12 Fev. 2018.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBTQ e Museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do Ceom*.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Chapecó, v. 27, n. 41, p. 175-192, dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 12 Abr. 2016.

BARNART, Fabiano, BAUER, Leticia. «Sabia que Estaria Aqui»: Relatos sobre os Proces-sos Criativos do Projeto «Uma Cidade pelas Margens». Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 8, n. 1, p. 438-467, 2017.

BOITA, Tony. Cartografia etnográfica de memórias desobedientes. 2018. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, 2018. (Dissertação de Mestrado)

BOITA, Tony. Memória LGBTQ: Mapeamento e Musealização em Revista. 2014. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, UFG, Goiânia, 2014. Disponível em: . Acesso em: 01 Mai 2016

BOITA, Tony. O Patrimônio Cultural LGBTQ: O Miss Brasil Gay (MG) e a Festa das Filhas da Chiquita (Pa). In: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; COLLAÇO, Janine Helfst Leicht (orgs.). Patrimônios culturais: entre memórias, processos e expressões museais. Goiânia: Cegraf, 2017. p. 01-10.

BOITA, Tony; CÂNDIDO, Manuelina Duarte. Memória LGBTQ em revista: um periódico na luta contra a invisibilidade. Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, p. 95-112, ago. 2020. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/819/762> . Acesso em: 20 out. 2020.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

BOITA, Tony; WICHERS, Camila. Patrimônio Cultural LGBTQ. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (org.). Dicionário Temático de Patrimônio: debates contemporâneos. Campinas: Unicamp, 2020, p. 53-56. BRAZ, Camilo. Entre sobreviventes e bichas dos tempos dourados - memória, homossexualidade e sociabilidade na cidade de Goiânia, Brasil. Cad. Pagu n.45 Campinas Dec. 2015

BRAZ, Camilo. De Goiânia a 'Gayânia': notas sobre o surgimento do mercado "GLS" na capital do cerrado. Revista Estudos Feministas, v.22, n.1, p.277-296, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2014000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 07 abr. 2015.

BRAZ, Camilo; Mello, Luiz. "Éramos 9 gays, 20 policiais e a imprensa local" - narrativas (de) militantes sobre as paradas do Orgulho LGBTQ em Goiás. In: Passamani, Guilherme Rodrigues (Org.). (Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. O combate à homofobia. Campo Grande, Editora da UFMS, 2012.

BRITTO, Clóvis; MACHADO, Rafael. Informação e patrimônio cultural LGBTQ: as mobilizações em torno da patrimonialização da parada do orgulho lgbt de são paulo. Encontros Bibli, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-21, maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e70964/43141>. Acesso em: 05 out. 2020.

BUTLER, Judith. Bodies that matter: on the discursive limits of "sex". New York: Routledge, 1993.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERNANDES, Alex. Todo dia é uma resistência: uma proposta de museologia comunitária LGBTQ em Goiânia. TCC (Graduação)- Curso de Museologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

HENRIQUE, Márcio de Couto. Do ponto de vista do pesquisador: O processo de registro do Círio de Nazaré como Patrimônio Cultural Brasileiro. Revista de Antropologia Amazônica, Belém, v. 3, n. 2, p. 324-346, jun. 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 jan. 2018.

IPHAN. Livro de Registros: livro de registro das celebrações. Livro de Registro das Celebrações. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122/>. Acesso em: 15 set. 2020.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Go West, In The Open Air: parada do orgulho lgbt goianiense - da repressão à turistificação. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 200-221, jan. 2015. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/issue/view/424>. Acesso em: 07 maio 2020.

PRINS, BAUKJE and MEIJER, IRENE COSTERA. “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.10, n.1, 2002. REVISTA MEMÓRIAS LGBTQ. Brasil: Memória Lgbt, 2015. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 12 fev. 2017.

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

REVISTA MEMÓRIAS LGBTQ. Brasil: Memória Lgbt, 2020. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 12 fev. 2017. SÃO PAULO (Estado).

Projeto de Lei nº 139/2019, de 2019. Declara Como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado A Parada do Orgulho Lgbt de São Paulo.. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000257980>. Acesso em: 15 out. 2020.

SOBRE AS AUTORIAS:

Tony Boita, Revista Memória LGBTQ

Museólogo, Doutor em Comunicação e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás, coordenador do projeto Memória LGBTQ. E-mail: tonyboita@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3780-2157>

Jean Tiago Baptista, Universidade Federal de Goiás

Doutor em História, Professor do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: jeantb@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6013-4073>

Memórias LGBTQ+ em Goiás: a Parada que parou Goiânia

TONY BOITA; JEAN BAPTISTA

REVISTA MEMÓRIA LGBTQ

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

RECEBIDO em: 28/02/2023

APROVADO em:05/04/2023